

Pesquisa mostra que letra ruim prejudica doente

SAÚDE
Alguns médicos já foram até processados por iniciativa da direção de hospitais

LÍGIA FORMENTI

As dificuldades encontradas por pacientes em decifrar as recomendações médicas foram retratadas em uma pesquisa feita na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). O trabalho, desenvolvido pela estudante de medicina Flávia Stenberg no atendimento do pronto-socorro pediátrico, revela que um quarto dos acompanhantes das crianças saem da sala sem entender o que deve ser feito.

A pesquisa de Flávia baseou-se na análise de cem questionários, feitos a acompanhantes das crianças. "Dos entrevistados, 90% não sabiam nem mesmo o nome do médico", afirma. Além disso, 24% não sabiam dizer o que havia sido prescrito. Mas a dificuldade não foi apenas dos pacientes. A estudante também avaliou as receitas e, em 12%, não entendeu o que estava escrito. Em 33%, ela decifrou com certa dificuldade.

"É pressa, associada à falta de relação entre médico e paciente", avalia a estudante, que apresentou o trabalho no 8.º Congresso de Iniciação Científica. No entanto, ela lembra que essa dificuldade pode trazer aos pacientes uma série de problemas. "Muitas vezes, o que acaba acontecendo é que o remédio indicado não é comprado ou, então, administrado de forma incorreta", diz. Isso pode provocar reações adversas ou, no mínimo, retardar o resultado do tratamento indicado.

Além de não decifrar o que estava escrito, Flávia conta que não conseguiu identificar o nome do médico em 70% das receitas. "Era apenas uma rubrica ou, então, um carimbo ilegível."

A presidente do Conselho Regional de Medicina (Cremesp), Regina Parisi, não estranha o resultado dos estudos. Ela conta que no Cremesp há processos instaurados contra médicos que escrevem em receitas ou nos prontuários de forma ilegível. "Há uma série de resoluções do conselho que recomendam ao profissional cuidado com a caligrafia." O artigo 39 do Código de Ética define como infração escrever de forma ilegível. A condenação varia de acordo com os danos causados.

Para Regina, o problema é fruto de uma associação de fatores. "Muitos dos profissionais não têm uma boa caligrafia, têm pressa para escrever e abusam nas abreviações", diz. "Além disso, os termos usados são técnicos, o que acaba aumentando a dificuldade de uma pessoa sem familiaridade com o assunto decifrar o que está escrito." Mas Regina admite que há, também, um problema cultural. "Muitos profissionais acabam reproduzindo um modelo, repetindo atitude de colegas."

Alguns profissionais já foram condenados. Regina, porém, afirma que a maior parte das denúncias é feita por diretores de hospitais ou profissionais de enfermagem, que trabalham com o médico acusado.

06 NOV 2000

O ESTADO DE SÃO PAULO